



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Poetas russos em português

Russian Poets in Portuguese

Autor: Valéri Pereléchin
Tradutor: Rafael Bonavina
Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 14. Nº 25
Publicação: Novembro de 2023
Recebido em: 30/11/2023
Aceito em: 08/11/2023

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2023.217933>

PERELÉCHIN, Valéri / BONAVINA, Rafael.
Poetas russos em português.
RUS, São Paulo, v. 14, n. 25, pp. 116-126, 2023.



Poetas russos em português

Valéri Pereléchin
Rafael Bonavina*

Resumo: Tradução para o português brasileiro da resenha “Poetas russos em português” (Russkie poéty po-portugalski), publicada no jornal Novoe russkoie slovo, de 20 de agosto de 1972. O texto foi assinado por Valéri Pereléchin (Irkutsk, 1913 – Rio de Janeiro, 1992), importante poeta russo forçado ao exílio principalmente por tratar em sua obra de temas abertamente homossexuais em uma época de profunda repressão sexual. Depois de uma longa trajetória pelo mundo, o escritor se fixa no Rio de Janeiro em 1953, onde permanece até seu falecimento. Segue à tradução um comentário crítico de Rafael Bonavina a respeito de algumas questões levantadas por Pereléchin.

Abstract: Translation to Brazilian Portuguese of the review “Poetas russos em português” (Russkie poéty po-portugalski), published in the newspaper Novoe russkoie slovo, on August 20 1972. The text was signed by Valeri Perelechkin (Irkutsk, 1913 - Rio de Janeiro, 1992), an important Russian poet forced into exile mainly because his work dealt with openly homosexual themes at a time of deep sexual repression. After a long journey around the world, the writer settled in Rio de Janeiro in 1953, where he remained until his death. The translation is followed by a critical commentary by Rafael Bonavina on some of the questions raised by Pereléchin.

Palavras-chave: Poesia russa moderna; Tradução; Valéri Pereléchin
Keywords: Modern Russian poetry; Translation; Valéri Pereléchin

** Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/ USP). Mestrando no Programa de Literatura Brasileira, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e graduado em Letras, habilitação em Português e Russo. <http://lattes.cnpq.br/2662388651397242>; <https://orcid.org/0000-0002-9669-7708>; rafaelbonavina@gmail.com

N

o prefácio à antologia *Poesia russa moderna*², o editor da coletânea Boris Schnaiderman ressalta, fazendo referência a Roman Jakobson, que o Ocidente se deleita com “o ícone antigo e o filme, o balé clássico e as pesquisas teatrais, o romance e a música, mas a poesia, talvez a maior de todas as artes russas, não se tornou, de modo algum, artigo de exportação”.³

Os organizadores da antologia se colocaram uma tarefa vasta: apresentar ao leitor brasileiro as diferentes tendências que surgiram na poesia russa a partir de aproximadamente 1910 até quase os nossos dias, além do que compararam as duas primeiras décadas do século XX, e com toda a razão, a uma explosão, excepcional em potência e variedade de talentos.

A antologia se abre com os jovens simbolistas Aleksandr Blok e Andriéi Biély. Muita atenção – bastante objetiva – é dada à tentativa de “criação de uma nova semântica” de Vielimir Khlébnikov. Não fica claro por que na antologia são deixados de lado Innokenti Annenski, Sologub, Mikhail Kuzmin, Lev

1 Agradecimentos a Fernanda Caires de Morais pela preciosa ajuda com a transcrição do texto original.

2*Poesia russa moderna*. Antologia. Traduções para o português de Augusto e Haroldo de Campos em colaboração com Boris Schnaiderman. Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968. (N.e.)

3 Seguimos a citação conforme o prefácio de Schnaiderman à primeira edição da edição consultada (Campos; Campos; Schnaiderman, 2001, p. 17).

Gumilióv, Aleksandr Kliúiev e com que objetivo são introduzidos nela literatos que só interessam aos historiadores, como David Burliúk, Aleksiei Krutchiónikh, Iliázd,⁴ Nikolai Ássieev e da geração atual o desarticulado Guennadi Aogui. Poeta impressionante, Ossip Mandelstam é apresentado por dois poemas (de fato excelentes); Serguei Iessienin por seis (desiguais em qualidade), Anna Akhmátova por um poema insignificante de 1909. É um poema traduzido por Haroldo de Campos, "Lendo Hamlet".

O cemitério. Inflete um rio anil
À direita, no vazio do terreno.
Tu me disseste: "Vai para um convento!
Ou se queres desposa um imbecil..."
Estas coisas só um príncipe diz,
Discurso que se grava na memória
Por séculos a fio e que desliza
Manto de zibelina pelas costas.

У кладбища направо пылил пустырь,
А за ним голубела река.
Ты сказал мне: «Ну что ж, иди в монастырь
Или замуж за дурака...»
Принцы только такое всегда говорят,
Но я эту запомнила речь, –
Пусть струится она сто веков подряд
Горностаевой мантией с плеч.

O cotejo da tradução desse poema com o original dá uma ideia bastante acertada da técnica de tradução utilizada na antologia. De fato, em português o *conteúdo* dos versos não foi traduzido mal, mas em relação à forma quase nada foi mantido. Em Akhmátova temos quatro pares de rimas, de modo que todas as rimas seguem um modelo preciso e clássico.⁶ Na tradução, só há uma única rima precisa ("anil – imbecil"), e mais uma assonância insuportável para o ouvido português e brasileiro "terreno – convento". Já na segunda estrofe o tradutor se cansou e não nos deu nem um par de rimas ("diz – memória – desliza – costas").⁷

4 Pseudônimo de Iliá Mikhailovitch Zaniévitch.

5 Optamos aqui pela reprodução lado a lado da tradução de Haroldo de Campos (2001, p. 172) e do original (Akhmátova, 1990, p. 24), já que será feita uma comparação das duas versões. Dessa forma, acreditamos, o leitor terá mais facilidade em acompanhar a discussão.

6 O estilo rítmico a que o resenhista se refere é de rimas alternadas (ABABCD).

7 Vale ressaltar que a transliteração original de Pereléchin das palavras retiradas da tradu-

Não são poucos os acertos da antologia, mas o nível geral do original decai em toda parte: os versos metrificados são trocados pelos sem métrica, os rimados por versos brancos etc. Entretanto esse tipo de obstáculo e dificuldade não é, de forma alguma, insuperável.

"Após a morte de Stálin, em 1953 – continua B. Schnaiderman – houve períodos de maior liberalização, seguidos de alguns retrocessos. Aos poucos foi sendo publicado o acervo poético das décadas precedentes [...] e até hoje está inédita boa parte da produção poética que não pode ser lançada no período stalinista. No entanto, esse processo foi intensificado nos últimos anos, e surgem frequentemente vozes que o reclamam; é um trabalho em progresso, que reserva grandes surpresas mesmo para os que se dedicam com afinco ao estudo da poesia russa deste século" (Schnaiderman, 2001, p. 34-35).

B. Schnaiderman escreve quase com admiração sobre o surgirem, na Rússia, jovens poetas "divergentes", rebeldes e arrebatados, que lêem "seus versos nas praças", mas logo ele se faz uma pergunta: – Mas de que qualidade era essa poesia? E a essa pergunta ele dá uma resposta bastante estranha: "Havia evidentemente uma volta à grande tradução moderna das décadas de 1910 e 1920, uma leitura acurada de Khlébnikov, Maiakóvski e Pasternak" (Schnaiderman, 2001, p. 35)

Eu tenho a impressão, no entanto, que a maioria dos poetas contemporâneos da Rússia não retornaram a Maiakóvski, nem a Khlébnikov ou Boris Pasternak, mas aos princípios da *forma*, trabalhados por Púchkin e seus contemporâneos.

Mas e Ievguêni Evtuchénko e Andrei Voznessiénski? No entanto, B. Schnaiderman ressalta uma tendência de Evtuchénko a uma simplificação perigosa e à retórica, bem como o "apuro" sonoro de Voznessiénski. Haroldo de Campos, um dos tradutores, faz eco a B. Schnaiderman ao declarar que são figuras centrais do século XX não Blok, não Mandelstam nem Gumilióv, mas Khlébnikov e Maiakóvski, ao redor dos quais se organizariam, segundo ele, certa constelação de "outros" (seriam menores?) poetas: Iessiénin, Pasternak, Mandelstam, Marina Tsvietáieva.

ção indica uma pronúncia europeia, como "coshtash" (*кошташ*) ao invés de "costas".

Até onde eu sei, Iessiénnin e Maiakóvski não se suportavam, Mandelstam e Tsvietáieva eram completamente independentes tanto de Khlébnikov quanto de Maiakóvski; em Pasternak há tanto em comum com Biély quanto o há com Khlébnikov, e Mandelstam não seguiu a escola de Khlébnikov nem Maiakóvski. É questionável o quanto Tsvetáieva aprendeu com eles, embora seja, claro, fácil encontrar nos grandes poetas alguns pontos de contato com outros grandes poetas. Aqui o tradutor brasileiro claramente pecou pela pressa na ânsia de fazer generalizações.

Já foi mencionado anteriormente a inexplicável exclusão da antologia de nomes como Annenski, Sologub, Kuzmin, Gumilióv, Kliúiev. E onde está Viatchesláv Ivanov? Ah, mas ele emigrou. E onde está Konstantin Balmont? Também emigrou. E Zinaida Gippius também emigrou. Mas Valiéri Briússov, Maksimilián Volóchin, Gorodiétski que não emigraram a parte alguma! E onde estão as dezenas de outros poetas que ainda têm uma formação pré-revolucionária?

Será possível que os próprios organizadores da antologia *Poesia russa moderna* acreditam que Burliúk, Valéri Kaménski, Aleksiéi Krutchióny, Iliázd, Eduard Bagrítski, Nikolai Zabolótski, Ievguiêni Martýnov, Margarita Aliquer, Cemión Gudzenko ou Iúri Pankratov têm mais significado para a poesia russa do que os nomes de poetas russos famosos que foram deixados de fora da antologia? Se tivessem de escolher entre Iliázd e, digamos, Ígor Severiánin, a cada dez leitores todos os dez escolheriam Severiánin, e é capaz de nem um sequer ter ouvido o nome de Iliázd.

O escopo da antologia se mostra definitivamente unilateral, o que se nota por não haver na antologia nem uma palavra sobre a poesia russa de *emigrados*. Os organizadores da antologia não acharam necessário sequer comunicar ao leitor brasileiro que no século XX viveram – no exílio – Viatchesláv Ivanov, Guippius, Vladislav Khodassiévitch, Gueorgui Ivanov, Antonín Ladínski, Anna Prismánova, Dovid Knut, Aleksandr Adamóvitch, Mikhail Poplavski, Ieláguin, Morten, Iúri Ivask, Irina Odoievseva, Dmitri Klenovski, Liudmila Aleksieeva.

Os organizadores da antologia se justificam repetidas vezes por sua “falta de acesso” às obras de poetas que eles deixaram de fora. No entanto existem ótimos trabalhos sobre a poesia de emigrados (as páginas correspondentes da *Literatura russa no exílio*, de Gleb Struve, a antologia *Âncora, No Ocidente, Comunidade* e outras). Ao que tudo indica, os organizadores da antologia nem passaram os olhos nesses livros. Na antologia o prefácio e os ensaios explicativos apresentam uma historiografia distorcida da poesia russa do século XX, e os exemplos traduzidos ilustram apenas o aspecto aprovado pelas autoridades comunistas.

O título da antologia publicada pela Civilização Brasileira – *Poesia russa moderna* – não corresponde à realidade.

Comentário crítico

Rafael Bonavina

Um importante marco na história da russística brasileira foi a publicação da antologia *Poesia russa moderna* (1968), nascida de um trabalho conjunto entre os dois irmãos e poetas concretistas Augusto e Haroldo de Campos e Boris Schnaiderman, fundador do curso de literatura e cultura russa da FFLCH-USP, em que lecionou por décadas. A repercussão dessas traduções foi muito grande e perdura até os dias de hoje, uma vez que continua a ser amplamente utilizada nas salas de aula e em cursos sobre literatura russa.

Além da evidente mobilização e apresentação de diversos poetas pouquíssimo conhecidos pelo público brasileiro, essas experiências certamente contribuíram com a trajetória dos irmãos Campos no âmbito da tradução. Haroldo de Campos, por exemplo, publicou diversos ensaios em que reflete sobre o ato tradutório, posteriormente reunidos por Marcelo Tápia e Thelma Nóbrega na antologia *Transcrição*. Apesar de a coletânea contar com sua década de vida, o conceito de transcrição não foi deixado de lado, mas segue bastante presente

nas discussões a respeito da recriação de poesias em outro idioma.

É claro que um trabalho da envergadura da *Poesia russa moderna* não poderia deixar de ser lido com algumas ressalvas do público especializado, e as críticas bem feitas contribuem para a melhor compreensão do público leitor. Apesar disso, um dos comentários mais críticos em relação a essas traduções ainda é pouco comentado: a resenha de Valéri Pereléchin publicada no jornal *A nova palavra russa* (*Novoie russkoie slovo*) de 20 de agosto de 1972. Embora a perspectiva adotada seja bastante interessante, não é preciso avançar muito na leitura para notar alguns excessos, o que chega ao ápice na conclusão do texto, quando o resenhista afirma que o título da antologia “não corresponde à realidade”, por não lidar com a poesia russa moderna de fato ou com suas principais tendências.

Não teríamos espaço para esmiuçar todas as nossas discordâncias com algumas afirmações encontradas na resenha, o que não caberia em uma breve apresentação. Contudo é preciso fazer algumas ressalvas a certas afirmações, em especial algumas das hipérboles de Pereléchin, que criam uma imagem bastante distorcida da *Poesia russa moderna*, como se a antologia fosse vista por um espelho ondulado.

A primeira dessas reservas, ainda que parcial, se dá em relação à presença de poetas emigrados na primeira edição de *Poesia russa moderna*. Segundo o resenhista, a seleção não apresentaria “nem uma palavra” sobre a produção poética desses autores, e Pereléchin elenca uma série de nomes ignorados pelos organizadores da antologia. Antes de seguirmos adiante, vale ressaltar, há mais do que uma palavra sobre o assunto, pois temos poemas inteiros de Marina Tsvetáieva, por exemplo, que viveu em exílio na Letônia entre 1922-1939. Ainda assim, de fato, os nomes mobilizados por Pereléchin não constam entre os muitos escolhidos pelos irmãos Campos e Boris Schnaiderman. Contudo, e aí encontra-se nossa principal ressalva, não se poderia atribuir essa ausência ao desconhecimento desses autores exilados, o que Pereléchin faz ao afirmar que os organizadores não teriam sequer folheado as

antologias ou manuais de historiografia de poetas emigrados. Nesse sentido, a presença da *Poesía sovietica rusa*, de Nicanor Parra (1965),⁸ no acervo pessoal de Haroldo de Campos, serve de indício contrário a essa afirmação, pois nela consta, em edição bilíngue, um dos poetas mencionados por Pereléchin, Eduard Bagrítski. A esse nome soma-se, também, os possíveis empréstimos em bibliotecas, livros emprestados por amigos ou mesmo os títulos que constavam no acervo pessoal de Bóris Schnaiderman, profundo conhecedor de poesia russa.

Por outra perspectiva, é preciso também levar em consideração que os nomes elencados por Pereléchin eram (e talvez ainda sejam) bastante desconhecidos do grande público brasileiro.⁹ É o caso, por exemplo, de Igor Sievieriánin, incensado pelo resenhista como um autor conhecido por dez a cada dez leitores, mas que não tinha ampla tradução no Brasil. Em contraste com esse contato bastante restrito da obra de Sievieriánin, Vladimir Maiakóvski era um autor amplamente lido no âmbito brasileiro, mas é tido pelo resenhista como uma figura de menor importância. Nesse sentido, de passagem, é preciso levar em consideração também o ponto de vista editorial, isto é, novas traduções de Maiakóvski chamam público e mobilizam os leitores a comprar a antologia, enquanto outros nomes de menor apelo poderiam chamar menos atenção.

Mais adiante em seu texto, Pereléchin critica a afirmação de Haroldo de Campos a respeito da importância de Maiakóvski e Khlébnikov para a poesia russa e acusa o tradutor de sucumbir ao afã da generalização apressada. Nesse momento, o resenhista deixa de levar em consideração que a crítica literária haroldiana está intrinsecamente ligada à sua obra poética. Se

⁸ Apesar de não trazer uma datação precisa no site do acervo de Haroldo de Campos, vale ressaltar que, segundo Soares e Pinheiro (2020, p. 160), essa antologia foi publicada primeiramente em 1965 pela editora Progresso de Moscou, em um segundo momento, 1972, ela foi republicada com outro título.

⁹ Isso se reflete no próprio corpo do texto, uma vez que Pereléchin lista os poetas apenas com os sobrenomes, talvez por se dirigir a um público russófono que leria sua resenha. Essa prática se tornou um problema para a nossa tradução, pois, a nosso ver, o leitor poderia ter dificuldade de precisar os autores citados. Optamos, então, pela inserção dos nomes antes dos sobrenomes a fim de ajudar o leitor interessado em ter maior contato com os poetas mencionados.

a valorização bastante positiva de Khlébnikov – em cuja obra a radicalidade na experimentação formal é um dos principais mote – for observada à luz de suas semelhanças com o projeto estético do concretismo, os elogios de Haroldo de Campos se tornariam bastante compreensíveis.

Por procedimento semelhante, embora em uma direção bastante oposta, o apreço por Maiakóvski pode ser visto como fruto do contexto social em que é produzida essa afirmação; isto é, a necessidade de lutar contra a crescente pressão da direita, que culminaria na Ditadura, cria uma expectativa de engajamento político dos intelectuais brasileiros. Dessa forma, entre outras razões, os poetas concretistas se veem diante de um dilema: como fazer uma poesia de vanguarda, esteticamente complexa, que fosse ao mesmo tempo acessível à massa, se não analfabeta ao menos pouco letrada?

Um dos modelos literários encontrados pelos poetas desse movimento foi a obra de Vladimir Maiakóvski, o que se nota pela inserção de uma frase desse poeta sobre a impossibilidade de haver uma arte de fato revolucionária sem a inovação formal no manifesto do movimento, o chamado *Plano-piloto*. Esse adendo ocorre em 1961, alguns anos antes da publicação da *Poesia russa moderna* (1968), o que nos permite resgatar esse contexto bastante específico da trajetória de Haroldo de Campos ao afirmar seu apreço por Maiakóvski, isto é, um momento de busca por renovação e conciliação dos polos de vanguarda e engajamento. Por outra lente, podemos ver a obra de Maiakóvski como uma espécie de resposta também aos anseios do sistema literário brasileiro, que buscava uma síntese para a tensão entre estética e política. Nessa chave de leitura, a valorização de Haroldo estaria em consonância com a cultura em que estava inserido, com seu momento histórico.

Dessa forma, a nosso ver, a crítica de Valéri Pereléchin à excessiva valorização desses dois futuristas para a poesia russa de seu tempo não levou em consideração questões amplas do sistema literário brasileiro daquele momento, nem as especificidades da poesia concreta. Para evitarmos alguma injustiça com o resenhista, vale ressaltar que a poesia concreta

circulava muito pouco no mercado editorial brasileiro e se limitava a círculos muito restritos da intelectualidade brasileira, apesar de sua importância e repercussão a âmbito nacional e internacional. Além disso, as principais teorizações e sistematizações desse movimento só viriam nos últimos suspiros do século XX e começo do XXI. Por isso, a falta de acesso às obras concretistas e à revisão historiográfica pode ser tida como uma explicação possível para a crítica à afirmação de Haroldo de Campos.

Essa hipótese, no entanto, não deixa de trazer certa ironia, uma vez que Pereléchin não concorda que a falta de acesso dos organizadores às obras dos poetas emigrados – da qual eles se queixam “repetidas vezes”, segundo o próprio resenhista – pudesse justificar a ausência de poetas emigrados. Vale lembrar, um dos motes da Ditadura Militar que assolava o Brasil era o combate ao perigo comunista, o que certamente dificultou e muito não só a obtenção de livros importados da URSS como a própria tradução e publicação de uma antologia de poemas soviéticos.

A conclusão a que chega Pereléchin a respeito da antologia de poesia russa resenhada é que não foram introduzidos autores que não fossem “aprovados pelas autoridades comunistas”, mas essa afirmação nos parece bastante estranha. Nem todos os poetas traduzidos estavam tão alinhados à ideologia do governo stalinista quanto a resenha poderia nos levar a crer. Até mesmo Maiakóvski não pode ser reduzido ao epíteto de Poeta da Revolução sem algumas ressalvas, causadas por sua complexa e contraditória relação com o governo soviético, em especial diante da crescente burocratização stalinista e suas restrições da liberdade de expressão e criação artística.

Deixemos Maiakóvski de lado, pois há outros exemplos, como a já citada Marina Tsvetáieva, que ao longo de sua trágica vida viu seu círculo de amizades e seu horizonte de possibilidades se estreitando rapidamente por causa da sua inserção incômoda na sociedade soviética. Simbólico também é o caso de Anna Akhmátova, uma figura de inserção desconfortável no sistema literário do Partido, posto que foi proibida de publicar

durante grande parte das décadas de 1920-1950. Ambas as importantes autoras russas têm versos traduzidos na *Poesia russa moderna* e ocupam quase duas dezenas de páginas.

Para concluir, a presente tradução não pretende, de forma alguma, contrapor Pereléchin à tradição da russística brasileira, colocando-o contra grandes nomes como Haroldo e Augusto de Campos e Boris Schnaiderman. Pelo contrário, diante do crescente interesse do público leitor contemporâneo pela obra desse intelectual soviético que viveu em nosso país, nosso intuito foi tentar ressaltar certas nuances de sua obra por meio da tradução de um material pouco acessível e ainda insuficientemente comentado. Também pensando na acessibilidade, porém em outra frente, optamos por atualizar as referências para que sejam mais fáceis de serem encontradas pelo leitor. Quando possível, utilizamos versões digitais dos textos referidos.

Referências Bibliográficas

- AKHMÁTOVA, Anna. *Sotchinene v dvukh tomakh*. Moscou: Pravda, 1990.
- CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; SCHNAIDERMAN, Boris. *Poesia russa moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- CAMPOS, Haroldo de. *Transcrição*. Organização Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- PARRA, Nicanor (org.). *Poesía Sovietica Rusa*. Moscú: Progresso Moscú, 1965, 305 p.
- SCHNAIDERMAN, Boris. "Prefácio da 1ª edição". In: CAMPOS, Augusto; CAMPOS, Haroldo; SCHNAIDERMAN, Boris. *Poesia russa moderna*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- SILVA, Gabriela Soares da; PINHEIRO, Tiago Guilherme. Convergências da poesia russa moderna na América Latina dos anos 1960: Nicanor Parra, Boris Schnaiderman, Haroldo e Augusto de Campos. *El Jardim de Los Poetas*, Mar del Plata, v. 10, n. 10, p. 154-199, 2020. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/eljardindelospoetas/article/view/4357>. Acesso em: 27 out. 2023.